

Rodrigo Duarte

Universidade Federal de Minas Gerais

Da economia cenobítica aos corpos de escrita: para uma arqueologia da Partilha do sensível, de Jacques Rancière

Antes do lançamento de *A partilha do sensível*, em 2000, Jacques Rancière era mais conhecido como pensador da política – autor de livros com *O desentendimento* (1995) e, posteriormente, *O ódio à democracia* (2005) – ou mesmo da educação (como na obra *O mestre ignorante*, 1987), do que da estética e da filosofia da arte. Tendo em vista a posterior série de obras nessa área, tais como *O inconsciente estético* (2001), *O destino das imagens* (2003), *O mal-estar na estética* (2004), *O espectador emancipado* (2008) e *Aisthesis* (2011), acostumou-se a identificar o filósofo francês como um autor que, quase repentinamente, deu uma guinada em direção à estética. O objetivo da comunicação é mostrar que, desde o início de sua carreira intelectual, algumas das ideias basilares, expostas em *A partilha do sensível*, já estavam presentes in nuce em obras bem anteriores como, por exemplo, *A noite dos proletários* (1981) (especialmente na discussão sobre a possibilidade de coexistência entre o trabalho corporal e o intelectual, e no enfoque da figura do filósofo marceneiro – “cenobita” – Gabriel Gauny) e *Políticas da escrita* (1995) (especialmente na construção do conceito de “corpos de escrita”, a partir de noções como “livro de vida” e “interpretação figural” dos textos).
